

MANOEL ANDRADE
ENAILE IADANZA
CELIA MATSUNAGA

AMAZÔNIA

em tópicos

MANOEL ANDRADE
ENAILE IADANZA
CELIA MATSUNAGA

AMAZÔNIA em tópicos

Universidade de Brasília

Reitora
Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor
Enrique Huelva

Centro de Estudos Avançados
Multidisciplinares (CEAM)

Direção
Viviane de Melo Resende

Vice-Diretor
Mário Lima Brasil

Núcleo de Estudos Amazônicos
(NEAz)

Coordenação
Manoel Pereira de Andrade

Vice-Coordenação
Celia Matsunaga

AMAZÔNIA EM TÓPICOS

Volume 1

Organização
Manoel Pereira de Andrade
Enaile do Espírito Santo Iadanza
Celia Matsunaga

Universidade de Brasília
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Pavilhão Multiuso I, Bloco A
Brasília - DF
CEP: 70.910-900

<http://neaz.unb.br>
neaz@unb.br
estudosamazonicosunb@gmail.com

No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.

Chico Mendes

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central
da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

A489 Amazônia em tópicos [recurso eletrônico] / [organização] Manoel
Andrade, Enaile Iadanza, Celia Matsunaga. □ Brasília :
Universidade de Brasília, 2021.
v. : il.
Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web: <neaz.unb.br>.
ISBN 978-65-86503-37-1 (v. 1).
1. Amazônia - Aspectos sociais. 2. Indígenas. 3. Educação do
campo. I. Andrade, Manoel (org.). II. Iadanza, Enaile (org.). III.
Matsunaga, Celia (org.).

CDU 3(811=082)

ISBN 978-65-86503-37-1 (v. 1)

Agradecimentos

Aos indígenas, quilombolas, seringueiros,
ribeirinhos, camponeses.... povos do campo,
das florestas e das águas amazônicas que nos
mostram por onde seguir.

O Livro *Amazônia em Tópicos*, que ora apresentamos em seu primeiro volume, pretende disponibilizar aos leitores e às leitoras os temas abordados na disciplina organizada pelo Núcleo de Estudos Amazônicos, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, da Universidade de Brasília (NEAz/CEAM/UnB), denominada *Tópicos Especiais sobre a Amazônia*.

Participaram da troca de conhecimentos e saberes em sala de aula, movimentos sociais, sindicatos e organizações com raízes na Amazônia que possibilitaram a aproximação à sua realidade vivida, à sua relação com a natureza e às suas lutas por melhoria de vida. Contribuíram com esse projeto do livro, docentes da Universidade de Brasília envolvidos com as temáticas da Amazônia, de Universidades e Institutos Federais dos estados da Amazônia brasileira e membros de organizações de apoio aos povos indígenas e comunidades tradicionais.

É importante afirmar que a disciplina *Tópicos Especiais sobre a Amazônia* é uma disciplina de módulo livre. Os módulos livres constam no projeto de Universidade idealizado por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira na constituição da Universidade de Brasília, e são um dos componentes que possibilitam flexibilidade ao currículo dos cursos e autonomia dos e das estudantes para o acesso a outros conhecimentos.

Os ensinamentos de Paulo Freire são utilizados para orientar o processo de ensino e aprendizado sobre a Amazônia durante todo o período da disciplina, mas vai além, especialmente com o

Projeto de Extensão *Vivência Amazônica*. Este projeto proporciona a vivência dos e das participantes junto aos povos indígenas e comunidades tradicionais da região amazônica numa imersão de cerca de três semanas nessa região, observando o seu modo de vida e as relações dos grupos sociais e étnicos com o ambiente. A elaboração deste livro se deveu também à importância da leitura para a disciplina, no sentido da introdução às temáticas amazônicas, e também da busca e interesse dos e das estudantes em terem textos organizados, que contribuíssem com o conhecimento sobre a região, o meio ambiente e seus povos indígenas e comunidades tradicionais.

Desta forma é que se concretiza o livro *Amazônia em Tópicos*, a partir das experiências e sistematizações dos professores e das professoras que têm participado e contribuído, nesses últimos anos, com a disciplina do Núcleo de Estudos Amazônicos. Esses professores e professoras têm disponibilizado seus conhecimentos teóricos e práticos, e trocando conhecimentos com os e as estudantes e com outros professores e outras professoras, convidados e convidadas de Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O primeiro volume do livro *Amazônia em Tópicos* apresenta textos que abordam as disputas em torno do acesso à terra na Amazônia e as suas consequências para as populações; questões com enfoques diferentes sobre os povos indígenas e ainda sobre as relações sociais no campo brasileiro, com ênfase na educação do campo na Amazônia. Também apresenta a experiência de um

projeto implementado no curso de pós-graduação em Design da Universidade de Brasília sobre visualidade amazônica.

O texto de título *Amazônia em Disputa*, foi escrito pelo professor da Universidade Federal de Mato Grosso e colaborador do Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAz/CEAM/UnB), Gilney Viana. Seus escritos tratam da cobiça sobre as Terras Indígenas, Unidades de Conservação e Projetos de Assentamento pela pecuária, agricultura, extração madeireira e mineração. Tratam ainda dos interesses em reduzir essas áreas que protegem o ambiente ou sua alteração legal.

O texto de Gilberto Vieira dos Santos, Geógrafo, mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Presidente Prudente; Membro do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e do Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Geografia do Trabalho” (CEGeT), intitulado *O Desenvolvimento e a Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*, aborda o processo de criação da ideologia do desenvolvimento e suas consequências para os povos indígenas, nos mostrando a importância de se entender, na atualidade, as violências sofridas pelos povos indígenas do Brasil como efeito direto da corrida para o desenvolvimento, ocorrida a partir da década de sessenta do século passado.

Índios na Cidade: a necessária superação da ideia de índios aldeados e desaldeados, de Marco Paulo Fróes Schettino, antropólogo,

mestre em Antropologia, perito do Ministério Público Federal (MPF), professor colaborador do Núcleo de Estudos da Amazônia (NEAz/CEAM/UnB) e Secretário-Executivo da 6ª Câmara do MPF (Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais) aborda a relação entre os povos indígenas e a cidade, a constituição do conceito de índios aldeados e desaldeados e o vínculo de sua identidade enquanto indígena ao aldeamento. O texto nos mostra que boa parte da população indígena na região abordada se encontra em contexto urbano e que ela é invisível para as políticas públicas, sendo tratados como a população em geral, em vez de terem suas especificidades socioculturais levadas em consideração e respeitadas. Também trata da ideia de cidade e da terra indígena enquanto espaços “impermeáveis” às trocas interculturais e à mobilidade espacial dos povos indígenas.

Edineia Aparecida Isidoro, professora do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Ji-Paraná, doutora em Linguística pela Universidade de Brasília, mestre em sociolinguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), e Luciana Castro de Paula, professora do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Ji-Paraná, antropóloga e mestre em ciências sociais, apresentam o texto *A Diversidade Sociolinguística do Estado de Rondônia e Seus Reflexos na Formação de Professores Indígenas*. Com o texto ofere-

cem um panorama das línguas indígenas do Estado de Rondônia e os impactos da formação dos professores indígenas no fortalecimento de suas línguas e culturas, discorrendo sobre duas experiências de formação e com os depoimentos de professores indígenas que corroboram suas análises.

Continuando com as línguas indígenas, o texto *A Árvore dos Peixes: análise dos aspectos epistemológicos na elaboração de material didático para o ensino de línguas indígenas*, da professora Altaci Corrêa Rubim, pedagoga, mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, docente do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, e do Professor Glademir Sales dos Santos, filósofo, mestre e doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), gerente e assessor técnico da Gerência de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, Estado do Amazonas apresenta a “árvore dos peixes”, um dos materiais didáticos produzidos pelos professores indígenas Ticuna, durante uma disciplina ministrada para os professores indígenas que mostrou a importância de considerar as práticas sociais da comunidade indígena na criação de materiais didáticos.

Os próximos textos versam sobre a educação do campo. O primeiro, do professor Jair Reck, Filósofo, Doutor em Educação pela

Universidade de Campinas e professor da Faculdade de Planaltina, da Universidade de Brasília, de título *Educação do Campo: possibilidade de uma política pública emancipadora* nos oferece um apanhado geral sobre a elaboração, implantação e execução de políticas públicas para a educação do campo, das florestas e das águas. Para o autor, a educação do campo contribui para a consolidação de uma educação inclusiva e emancipadora, centrada na articulação entre o sujeito, o território e o coletivo e na soma de esforços para a elaboração de políticas públicas que reflitam os interesses dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, das florestas e das águas.

Dando sequência, Ângelo Rodrigues de Carvalho, Professor de Geografia do Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal, doutorando em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, e colaborador do Núcleo de Estudos da Amazônia (NEAz/CEAM/UnB), também apresenta o tema da educação do campo. Seu texto *Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural: alternativas em construção na Amazônia do Nordeste Paraense* debate a construção do desenvolvimento territorial rural pelas vias da educação do campo pensada pelos Movimentos Sociais. Abordando os movimentos sociais na Amazônia do nordeste paraense, que se encontram em luta por outro modelo de desenvolvimento de agricultura, o autor mostra que é possível propor um desenvolvimento territorial rural que valorize os saberes de seus sujeitos sociais coletivos. Afirma que o modelo

de desenvolvimento territorial rural, proposto pelos movimentos sociais do campo, compreende o território como lugar de resistência, construído social e politico-culturalmente, a partir da ação-reflexão.

Para finalizar o primeiro volume deste livro reservamos um espaço destinado a experiências concretas da universidade relacionadas à Amazônia. Assim apresentamos um projeto desenvolvido na pós-graduação em Design da Universidade de Brasília sobre visualidade amazônica. Intitulado Paisagem Amazônica: uso da tecnologia na fruição poética, o texto sobre o projeto foi elaborado por Célia Matsunaga, designer gráfica e artista, professora da Faculdade de Comunicação, doutora em Arte e Educação e Vice-Coordenadora do NEAz, por Marisa Maass, professora do Instituto de Artes, Departamento de Desenho Industrial, ambas da Universidade de Brasília. Também participaram da elaboração do texto Alexandre Ataíde, Daniel Mira e Gustavo da Rosa. Alexandre Ataíde é formado em design e especialista em arte-educação pela Universidade de Brasília. Atua como designer gráfico, desenvolvedor de software, artista e como professor da Universidade do Distrito Federal. Daniel Mira é fotógrafo, formado em artes visuais e mestre em design pela Universidade de Brasília. É pesquisador da relação etnográfica e imagética dos ribeirinhos da Amazônia e leciona no IESB. Gustavo da Rosa é produtor de audiovisual, assessor de comunicação e canais de tv. É professor substituto

do Instituto Federal de Brasília e aluno especial do programa de pós-graduação em design da Universidade de Brasília.

O projeto Paisagem Amazônica: uso da tecnologia na fruição poética investiga formas de intervenção artística na floresta e/ou fora dela que busquem criar relações entre o real e a Arte. Está baseado no olhar sobre a realidade dos povos da floresta e o texto aborda os processos criativos em arte-design que utiliza tecnologia digital, somada à prática metodológica fundamentada na pesquisa e na experimentação.

Esperamos que o livro Amazônia em Tópicos seja mais um aporte para o conhecimento da Amazônia e que contribua com a compreensão da necessidade de somarmos esforços às lutas e resistências para a defesa da natureza e de seus ricos ecossistemas e sobretudo de seus povos indígenas e comunidades tradicionais, com suas significativas diversidades étnicas, sociais e culturais.

Boa leitura



1

Amazônia em Disputa

Gilney Viana

2

O Desenvolvimento e a Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil

Gilberto Vieira dos Santos

3

Índios na Cidade: a necessária superação da ideia de índios aldeados e desaldeados

Marco Paulo Fróes Schettino

4

A Diversidade Sociolinguística do Estado de Rondônia e Seus Reflexos na Formação de Professores Indígenas

Edineia Aparecida Isidoro

5

A Árvore dos Peixes: análise dos aspectos epistemológicos na elaboração de material didático para o ensino de línguas indígenas

Altaci Corrêa Rubim

6

Educação do Campo: possibilidade de uma política pública emancipadora

Jair Reck

7

Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural: alternativas em construção na Amazônia do Nordeste Paraense

Ângelo Rodrigues de Carvalho

8

Paisagem Amazônica: uso da tecnologia na fruição poética

Célia Matsunaga, Marisa Maass, Alexandre Ataíde, Daniel Mira e Gustavo da Rosa

volume 1

PAISAGEM AMAZÔNICA: USO
DA TECNOLOGIA NA FRUIÇÃO
POÉTICA

8

152

Celia Matsunaga
Marisa Maass
Alexandre Ataíde
Daniel Mira | Gustavo da Rosa



FOTO: Daniel Mira

Introdução

Neste trabalho, apresentamos o recorte do projeto de pesquisa desenvolvido na Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (UnB) sobre visualidade amazônica. O objetivo do projeto Amazônia: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário, no âmbito da UnB, é investigar formas de intervenção artística na floresta e/ou fora dela que busquem criar relações entre o real e a Arte. Trata-se de uma abordagem baseada nos processos criativos em arte-design que utiliza tecnologia digital, somada à prática metodológica fundamentada na pesquisa e experimentação.

Amazônia: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário tem diferentes subprojetos desenvolvidos por alunos da pós-graduação e da graduação participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UnB. Como pesquisa, o projeto foca a experiência na forma de construção de realidades compartilhadas a partir de vivências na Amazônia – o contato com a vida de povos da floresta. O projeto geral utiliza a metodologia baseada nos estudos etnográfico e iconográfico no intuito de construir conhecimentos ligados às representações simbólicas e visuais, base da identidade cultural de todos os povos. Santarém, Alter do Chão, Belterra, Bragança e arredores, são os locais onde acontecem as experiências de imersão e pesquisa de campo. Duas expedições, em fevereiro e outubro de 2016, nortearam o desenvolvimento do processo criativo deste projeto. Outras quatro expedições foram realizadas a partir de então.

O diálogo entre a floresta e seus habitantes (homem-natureza) vem sendo estudado, e as produções poéticas têm se construído por meio de registros fotográficos e videográficos, bem como mapeamento sonoro, como materialidade, registro de memória, imaginário, representação e fruição estética. No interior das dimensões geográficas e da complexidade, a Amazônia é vista em seu fragmento espaço-tempo na perspectiva do artista/designer. Alter do Chão (Pará) e suas vizinhanças – as comunidades ribeirinhas, os indígenas, a floresta, os igarapés, o Rio Tapajós – formam a base desse olhar sobre a realidade dos povos tradicionais e da Amazônia em seus aspectos de formação histórica, geopolítica e cultural.

Esta investigação tece contornos sobre a cultura visual brasileira no contexto da emergência das novas tecnologias. O processo de construção do conhecimento tem sido possível ao



Foto: Gustavo DaRosa

conectar o imaginário e a realidade, sendo a experiência vivida alicerce para a consolidação da aprendizagem. Os conhecimentos relacionados às representações visuais, sua origem, suas características fundamentais, o sentido e a mensagem têm se transformado em obras gráfico-poético-visuais em linguagens artísticas contemporâneas. A proposta traz um novo viés no processo de investigação que modifica nossa percepção sobre a Amazônia. Para além do conhecimento, pretende-se conhecer a realidade vivida na floresta com o intuito de preservar a cultura das comunidades tradicionais e, ao mesmo tempo, aumentar a visibilidade do rico patrimônio material e imaterial da região.

Paisagem Amazônica

Encontramos o conceito de Paisagem Amazônica na fala do arqueólogo Bruno Pastre Máximo (2020), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Máximo (2020) fala sobre paisagem como “construções humanas, sejam elas de inserção em criação mitológica ou ações físicas criadas pelos homens”. Na concepção indígena, “Paisagem Amazônica pode ser entendida como lugar sagrado, locais que possuem significado atribuídos pelos humanos” (MÁXIMO, 2020).

Outro conceito ligado à Paisagem Amazônica é o de sítios arqueológicos, locais “onde repousa o passado não escrito” (MÁXIMO, 2020). Neste trabalho, utilizamos o conceito originário da Amazônia como referência, por ser apropriado para a leitura na arte e no design. Falamos de tecnologias para a construção de narrativas nas quais a relação homem-natureza se evidencia. Paisagens surgem como espaços transitórios, fragmentos de tempo e lugar. Oferecem tessituras em obras que têm, na tecnologia, suporte de mediação e resposta constitutiva de sensações, cheiros e sons.

“Paisagem”, neste trabalho, relaciona-se à ideia de unir o homem à natureza na criação e ocupação de seus territórios. Na arte, a paisagem nasce da dicotomia entre o real e a construção poética. O olhar está centrado no espaço transitório – lugar de parada, lugar de passagem. São construções que surgem das percepções sobre a natureza. Subir o curso do Rio Tapajós, um dos afluentes do Rio Amazonas: uma imensidão! Homem e rio; homem e floresta; floresta e rio: diálogos possíveis que têm início na vivência amazônica, construídos a partir de seus múltiplos contornos e memórias.



Foto: Celia Matsunaga

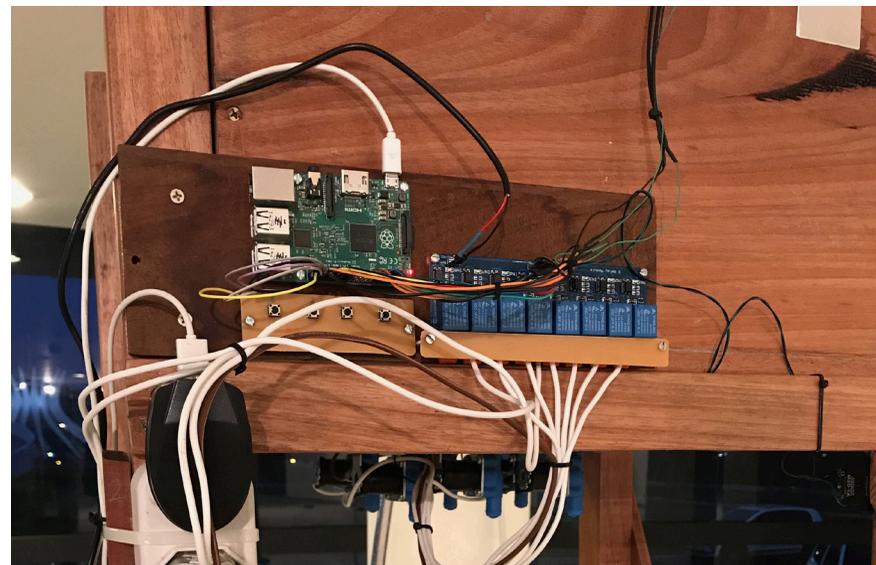
Ao falar de construção poética, podemos citar a obra Palafita, uma construção em madeira que usa tecnologia para a geração de sons, de Alexandre Ataíde (2017). Esta obra nasceu da pesquisa de geomapeamento feito no curso do Rio Tapajós. Tapajós: águas límpidas e claras colorem a paisagem de azul, verde, às vezes marrom. Em suas margens, habitam imensas árvores retorcidas. Aqui e ali, moradores. Floresta encantada! Os sons cruzam no vai e vem dos barcos. Sons de água, de pássaro, motor, rio e floresta. Adentrar a floresta, caminhar por entre as trilhas, percorrer seu interior. Habitar seu silêncio; sons de toda natureza.

Alexandre foi aluno da Pós-Graduação em Design e é professor de Inteligência Artificial no Centro Universitário do Distrito Federal (UDF). Seus conhecimentos sobre programação, robótica e mecatrônica favoreceram a construção de sua obra. Com ripas de madeira da Amazônia, construiu dois depósitos de água, um em cima, outro embaixo. No seu centro, tubos de PVC de diferentes tamanhos foram incluídos com um tampão feito de látex amazônico. O látex é muito resistente, sendo no experimento um importante amortecedor do impacto de águas que caem em sua superfície. O impacto provoca o relaxamento do látex, impulsionando o som que sai na extremidade oposta dos tubos.

Expedições na Amazônia

Em fevereiro de 2016, aconteceu a Expedição na Amazônia 1, vivenciada por um grupo de três pessoas: um professor e dois alunos da Pós-Graduação em Design. O objetivo dessa primeira expedição era mapear visualmente a região. Foram feitas capturas de sons e imagens e entrevistas com comunidades ribeirinhas, pescadores e barqueiros locais. Essa base de informação foi utilizada como elementos importantes para o início da análise visual e, ao mesmo tempo, despertou a necessidade de investigar como a relação humano-natureza se constrói naquele ambiente?

Sendo o maior aquífero do planeta, a região guarda um inigualável cenário de riqueza ambiental. Com comprimento de 1.457 km, o Rio Tapajós nasce no Mato Grosso, percorre os limites entre o Amazonas e o Pará e deságua no Rio Amazonas. O encontro das águas acontece em Santarém. A extensão do rio e sua majestosa beleza nos colocam diante de muitas ques-



Palafita - obra poética de Alexandre Ataíde, 2017

tões: qual é a importância do rio para aquela população? O que representa a floresta, seus mistérios e seus segredos? O que representa, para os ribeirinhos, a vida nos ciclos entre as secas e as enchentes? Voltando para Brasília, todos os materiais coletados passaram a ser referência para a continuação dos estudos.

Na segunda expedição, realizada em outubro de 2016, alunos do PIBIC tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência na Amazônia. Com apoio da Defensoria Pública da União (DPU) Cultural, um grupo de cinco graduandos (em Audiovisual, Jornalismo, Letras e Engenharia Elétrica), uma professora da UnB, a coordenadora do DPU Cultural e dois defensores públicos foram a Alter do Chão, Aldeia de Bragança e comunidade Coroca no Rio Arapiuns. A DPU Cultural apoiou a viagem de três bolsistas de Iniciação Científica do projeto, custeando as passagens, as hospedagens e os deslocamentos terrestres e fluvial.

Na aldeia Munduruku de Bragança, a comunidade indígena aguardava o grupo de pesquisadores. Os encaminhamentos foram feitos formalmente, tendo sido apresentadas as solicitações de licença para entrada em terras indígenas feitas à Fundação Nacional do Índio (Funai) em Brasília. Apesar da leve tensão do primeiro encontro na aldeia Munduruku, buscamos estabelecer o diálogo amigável. A equipe foi muito bem recebida pelos indígenas, que fizeram uma assembleia, com a participação de todos os integrantes da aldeia. Somente após aprovação da entrada da equipe de pesquisa foi possível a liberação do trabalho de campo nessa comunidade.

Com diário de pesquisa, blocos de anotações, textos, câmeras, gravadores, o grupo adentrou a floresta, orientado por dois membros da aldeia. Logo na chegada se encontrava o Cacique Domingos, Mitu, em Munduruku, aguardando os visitantes da universidade. Houve um pequeno silêncio para que fosse estabelecido o diálogo entre a coordenação de pesquisa e o cacique. O primeiro momento pareceu tenso, uma vez que não se conhecia a dinâmica da aldeia. Depois da aprovação da entrada do grupo, sabendo que somente faríamos aquilo que havia sido determinado pela assembleia, a cordialidade mudou. Havia um grupo de crianças (elas também participam das decisões coletivas) que nos conduziram nas visitas às famílias. Cada família abriu seus lares para receber os visitantes. Todos os estudantes tiveram a oportunidade de estar com eles em sua intimidade, em seu dia a dia, falando de suas histórias de vida. Noções sobre a relação de núcleo familiar, coletividade, participação política, relação



Centro Cultural Quinta da Cruz, Viseu, Portugal
Nathalia Delgado
obra "Igarapé"
Oficina de xilogravura com madeiras da Amazônia
2017

homem-natureza no contexto dessa comunidade Munduruku foram repassadas, tornando essa vivência de importância indescritível para o desenvolvimento da pesquisa na universidade.

A vivência amazônica produziu efeito surpreendente nos estudantes que visitaram a aldeia de Bragança. A simplicidade da vida coletiva na floresta, o respeito à natureza, aos costumes e aos princípios de paz e harmonia foram evidenciados nas falas de toda a comunidade. A alegria das crianças aproximou os estudantes, tornando a vivência delicada e muito afetuosa. Os jovens eram mais arredios, com atenção nas ações praticadas pelo grupo. Tudo foi previamente autorizado, inclusive a captura de imagens por câmeras instantâneas (polaroid), câmeras profissionais e celulares. Não faltaram ferramentas para guardar na memória tudo aquilo que o grupo buscava conhecer.

O ponto alto da vivência na aldeia foi a abertura dessa comunidade Munduruku em mostrar ao grupo a cerimônia ritual de celebração da vida. Com a proximidade dos estudantes com as crianças, foram elas que entoaram o cântico em reverência a Tupã, deus indígena cultuado por essa comunidade. Sob a presença de entidades de cura e limpeza, os participantes recebiam as bênçãos de Tupã e, ao mesmo tempo, a libertação de todas as males que carregavam. Esse ritual, que teve o fogo como elemento central, fez emergir nossas profundas ligações com a espiritualidade indígena.

Projetos de iniciação científica

No início, as reuniões semanais do grupo voluntariado do projeto Amazônia foram realizadas em salas improvisadas na Pós-Graduação em Design, no subsolo do Instituto Central de Ciências (ICC) Centro, módulo 15, Campus Darcy Ribeiro da UnB. Apesar da falta de equipamentos necessários à condução de uma pesquisa, o local designado para as atividades propostas pelo projeto cumpriu seu papel. Nas reuniões apresentavam-se os informes, a pauta da semana e as atividades propostas ao longo do ano. Alguns alunos se prontificavam ao trabalho de organização das pautas de reunião, condução e desenvolvimento do projeto. Entre as mais atuantes, Nathalia Delgado se destaca. Seu potencial criativo-inventivo foi de fundamental importância para o crescimento dos dois projetos de pesquisa: geral e pessoal.

No início de seu trabalho, a abordagem dos bolsistas ainda não era clara. Eles não compreendiam como se desenvolvia a pesquisa na universidade. Ao longo do período, sua ação se consolidava com a participação ativa nas reuniões e proposições no projeto. Antecipando a pesquisa de campo em Alter do Chão, Nathalia desenvolveu um conjunto de padrões visuais com base na pintura corporal Munduruku obtida na internet e também em livros, artigos e imagens cedidos para estudo do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Os Munduruku foram sempre foco de interesse dos estudantes. Algumas características marcantes quanto ao gênero, à defesa da autonomia territorial e à identidade são identificadas no grafismo da pintura corporal, analisada a partir dessas imagens. O detalhamento dessas características serviu de referência em desenho de personagens e padronagens geométricas. Dos desenhos, resultaram impressões em serigrafia, técnica utilizada para reprodução em papel, tecido, vidro, metal etc. Os impressos serviram de base para a construção dos cadernos de viagem utilizados por todos os integrantes do grupo na pesquisa de campo em Alter do Chão.

Voltando para Brasília, a aluna refletia sobre a viagem e também sobre sua pesquisa. Era evidente o impacto daquela experiência sobre sua forma de pensar. Se o interesse da estudante era grande e se ela era muito disciplinada em relação ao trabalho, surpreendeu a si própria ao buscar retratar sua vivência nos softwares Maya e 3DS. Esses programas são complexos no seu entendimento e de difícil manuseio. Apesar de não ter tido contato prévio com esses programas, a aluna conseguiu construir objetos que finalizaram em modelagem 3D. Os filamentos em madeiras que revestiam o objeto deram a ele maior autenticidade como árvore. As imagens podem ser vistas a seguir.

A apresentação do projeto em Viseu, Portugal, tornou a experiência na Amazônia ainda mais importante. Ana Cláudia Mascarenhas, aluna de jornalismo da Faculdade de Comunicação, e Nathalia Delgado foram a Viseu. Ao estabelecer contato com grupos de educadores e artistas daquele país, as alunas puderam colher os resultados das pesquisas realizadas na UnB. Estar diante de uma audiência internacional é algo desafiador que as aulas cumpriram com desenvoltura e segurança. O projeto Amazônia foi visto positivamente, como uma proposta de pesquisa inovadora, que envolve alunos no fortalecimento de seu percurso acadêmico.

Em junho de 2017, a exposição UNI[verso] Amazônia: Diálogos foi apresentada no Museu Nacional da República, com o propósito de mostrar ao público em geral a pesquisa da UnB. Desenhos, fotografias, vídeo, animação, instalações de arte contemporânea fizeram da Amazônia a pauta das questões ambientais e sociais no museu. Muitos visitantes de diferentes estados brasileiros, além de estrangeiros, estiveram na mostra. Nathalia apresentou sua pesquisa em impressão serigráfica, vinil adesivo sob parede e carimbos relacionados à pesquisa visual desenvolvidas no contexto do projeto. Foi de sua autoria também a identidade visual da mostra, o cartaz/folder e o convite impressos para a divulgação da exposição.

Alguns resultados

Um dos resultados do processo de análise e discussão sobre a vivência na Amazônia foi a criação de um livro-arte colaborativo, que se inspirou na sublime sensação do lugar: os igarapés, áreas alagadas nos períodos chuvosos da Amazônia. O livro foi feito com quatro placas de acrílico interligadas, para representar a água cristalina dos igarapés observados, e quatro árvores, uma em cada placa, reproduzidas em impressora 3D com filamento de madeira. Em março de 2017, esse livro-arte foi levado a Viseu para integrar o projeto Cadernos Artistas. A exposição itinerante percorreu as cidades de Évora, Bragança e Lisboa. Após ser apresentada em Portugal, a exposição foi para Santiago de Compostela, na Espanha. Em 2018, foi exibida no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília, como parte dos resultados desta pesquisa.

O projeto foi convidado a fazer uma palestra na Quinta da Cruz, também em Viseu. Foi desenvolvido, ainda, um workshop de xilogravura, técnica de entalhe na madeira trazida pelos portugueses no século XIX. A xilogravura tem uma importância no contexto da literatura nacional, em que histórias são narradas em verso e prosa, alicerçadas pelas belezas visuais de suas gravuras. Para a realização do workshop, contamos com o apoio do Laboratório de Produtos Florestais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Recortes de madeira da Amazônia foram utilizados como base de entalhe da xilogravura em Portugal.

Gustavo da Rosa, um dos coordenadores do projeto, que esteve presente nas expedições 3, 4, 5 e 6, desenvolveu o trabalho

de registro das incursões. Todos os registros feitos nas 4 expedições transformaram-se em uma série documental. Profissional da área cinematográfica, jornalista e professor do Instituto Federal de Brasília (IFB), Gustavo possui longos anos de experiência no ofício de registro audiovisual, o que vem pautando seu método de atuação. Empreendedor e personagem da cidade, afirma que a experiência na Amazônia teve grande impacto pessoal e profissional. O ritmo local, o comportamento dos nativos e a paisagem são alguns dos pontos a serem destacados.

Gustavo relata que, em seu primeiro contato com o Cacique Domingos, na aldeia Bragança, distrito de Belterra, se surpreendeu com a relação do líder indígena com a natureza. Em um dos momentos com o cacique, ao vê-lo chegar com um pescado, Gustavo perguntou como ele havia pescado: “O senhor usou a linha de pesca com anzol ou rede de pescar?” Domingos respondeu, com a delicadeza de perceber que se tratava de um moço da cidade, que a comida havia sido obtida através do uso de arco e flecha. E explicou que, por vezes, até lança era utilizada. Ao notar que havia cometido uma gafe, Gustavo tentou se justificar, dizendo que não passava de um rapaz branco. Nesse momento, o Cacique Domingos explicou o conceito da palavra *pariwat*, que em Tupi-Guarani quer dizer “homem branco”. Gustavo criou vínculo de confiança com o cacique, sendo até hoje um grande aliado na luta do povo dessa aldeia Munduruku.

À tarde, o forte líder dos guerreiros, Rodimar dos Santos, na companhia do professor de língua materna, Gercivaldo Saw Munduruku, solicitou ao cinegrafista que gravasse e enviasse uma mensagem à Funai. No vídeo, os indígenas solicitam à fundação uma posição em relação ao plaqueamento e cercamento da região, que sofre constantes ameaças de invasão por grileiros, madeireiros e garimpeiros. Gustavo se sentiu honrado de tal missão ter sido confiada a sua pessoa de débil físico.

Na noite daquele mesmo dia, o grupo de pesquisadores foi convidado a testemunhar e integrar o Ritual do Fogo, solenidade que ocorre ao redor de uma fogueira. O ritual fora realizado fora da fase certa da lua, como defendeu o Cacique Domingos. Após o ritual, Gustavo percebeu que o Cacique se aproximava para conversar. As palavras do líder indígena foram de força e empoderamento. Expressaram provocações de transformação, chamamentos para um fortalecimento do corpo e da cabeça. Mas foram, também, um pedido de ajuda, apoio na luta, na causa indígena, na resistência.

Um pouco depois, Rodimar levou Gustavo para o meio da mata, onde apresentou as constelações no céu com nomes que o repórter nunca ouvira falar: a Onça, a Cobra, o Tamanduá. O guerreiro ainda completou que, em futuros encontros, ensinaria Gustavo a ler as estrelas, a arte da pesca e da caça. Gustavo reuniu os registros videográficos em uma série de vídeos documentários do projeto.

Considerações Finais

O projeto Amazônia: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário tem impactado a trajetória acadêmica de estudantes do Programa de Iniciação Científica/PIBIC/Proic/UnB. As obras aqui apresentadas são as primeiras dos quatro anos de existência da pesquisa, e muito mais tem sido realizado. Para concluir este relato, abaixo se reproduz a fala da aluna Nathalia Delgado, em 2017:

“A Amazônia é muito maior do que podemos imaginar, tendo muito a ser pesquisado e para se inspirar como designer. Por esse motivo meu plano de trabalho original não foi estritamente seguido, tendo tido algumas mudanças. Entretanto, as mudanças foram para melhor, pois desta forma foi possível criar algo que transmitisse a sensação do local de pesquisa e também apresentar o que foi desenvolvido a muitas pessoas no país e em Portugal”.

A pesquisa vem obtendo resultados muito positivos, com importantes contribuições de pesquisadores, professores de faculdades de Brasília, professores e alunos de diferentes departamentos da UnB. Por meio do esforço conjugado dessas pessoas, além do apoio institucional e de parcerias, o projeto tem conseguido reunir grande quantidade de informações (dados de coletas), materiais de campo, e imagens fotográficas e videográficas. A partir do relato das experiências vividas nas expedições à Amazônia, artigos, vídeos documentários e obras artísticas têm sido construídos. Com isso, tem sido possível a participação em exposições em Brasília e também em eventos internacionais.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: um psicologia da visão criadora. São Paulo: Thomson, 2006.
- _____. El pensamiento visual. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1976.
- BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose S. G.; NOVAES, Sylvia C. A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Fapesp, 2016.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1964.
- FANTINATO, Marcelo. Método de pesquisa. São Paulo: EdUSP, 2015.
- FERREIRA, Edilberto. O berço do Çairé. Manaus: Valer, 2008.
- HENDEL, Richard. O design do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- MÁXIMO, Bruno Pastre. Título do trabalho. In: Autoria. Curso livre de arqueologia amazônica. Manaus: Museu Amazônico; Universidade Federal da Amazônia, 2020.
- MUNARI, Bruno. Design as art. UK: Penguin Books, 1966.
- PARREIRA, Walter A. Tawé Nação Munduruku: uma aventura na Amazônia. Belo Horizonte: Decálogo, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVEIRA, Paulo. A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- TSCHICHOLD, Jan. A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

—
Design gráfico
Celia Matsunaga

Brasília DF, agosto de 2021



Universidade de Brasília



Núcleo de Estudos Amazônicos NEAZ
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares CEAM